

ENTREVISTA

Pedro Eduardo de Felício, professor titular da Faculdade de Engenharia de Alimentos, da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**

Não dá para misturar política e polícia com comida

Por Bruno Blecher

“**A** carne não é fraca. O Brasil é o maior exportador do mundo de carnes bovina e de aves e quarto maior em suína, e atende um mercado interno de mais de 200 milhões de pessoas. O problema é que o PMDB e a PF são fortes demais, cada um na sua área, mas atrapalhados para lidar com alimentos. Comida tem de estar distante da política e da polícia.” Com essa postagem, o professor Pedro de Felício resumiu, em seu Facebook, a operação da Polícia Federal, que no dia 17 de março envolveu 1.000 policiais para desbaratar corrupção, num esquema de liberação de licenças e fiscalização irregular de frigoríficos, mas que acabou provocando sérios danos às exportações brasileiras de carne, com prejuízos a toda a cadeia produtiva.

GLOBO RURAL ▶ O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, criticou a ação da Polícia Federal, apontando uma série de erros técnicos. A PF falhou mesmo?

Pedro de Felício ▶ Os erros ocorreram na condução do processo pela Polícia Federal. Acho absolutamente inaceitável a metodologia utilizada pela PF para investigação no setor de alimentos. Nessa área, não se fica investigando dois anos. Eu não acredito nessa coisa de quadrilha, porque acho que cada caso é um caso isolado. Dentro da fábrica, tem um sujeito que é corruptor e corrupto. Pode ser ele um inspetor ou um funcionário do Ministério da Agricultura. O fato é que eles esperaram demais. Eles deveriam ter feito uma operação em conjunto com o Ministério da Agricultura, e em Brasília, não no Estado, porque no Estado não funciona.

GR ▶ Se a PF estava investigando essas fraudes havia dois anos, será que não poderia ter sido mais pontual e não ter concentrado a operação em um só dia, fazendo tanto alarde? Essa operação cinematográfica causou um estrago danado para toda a cadeia das carnes.

Pedro de Felício ▶ Eles usaram a mesma metodologia que vêm

usando na Lava Jato, e no caso de alimentos não pode ser assim. Para alimentos, a toda hora você pode fazer “recall”, retirar o alimento do supermercado, ou seja, onde estiver. Isso é que tinha de ser feito. Não esperar dois anos para agir. Autoridades que cuidam dos alimentos precisam agir rapidamente para evitar que a população consuma produtos inadequados, que possam causar prejuízo à saúde. Jamais esperar dois anos para poder botar 1.000 policiais na rua. Se tivesse de ter vítimas dos alimentos, talvez já tivessem morrido.

GR ▶ Qual será o impacto dessa operação?

Pedro de Felício ▶ Eu não sei calcular o tamanho do prejuízo, porque a reação do mercado interno às vezes a gente imagina que vai ser uma coisa e acaba sendo outra. Quando os japoneses deixaram de comprar carne dos EUA, por causa da vaca louca, eu falei que a suspensão não duraria três meses, e durou vários anos. Então a gente não tem muito como calcular isso. Só acho que a situação de agora é bem menos grave do que se fosse um problema de saúde animal. Porque, em um problema de saúde animal, você



Autoridades que cuidam de alimentos têm de agir rapidamente. Jamais esperar dois anos para botar 1.000 policiais na rua”



ENTREVISTA



Os superintendentes do Mapa nos Estados são muito poderosos. Fazem e desfazem, e os inspetores obedecem”

fecha um Estado, você fecha uma região, você para de comprar daquele país. E, no caso dessa crise, você tem plantas aprovadas pelo importador, e ele vai continuar comprando dessas unidades, se elas não estiveram envolvidas nas fraudes que foram denunciadas.

GR ▶ As denúncias da Polícia Federal apontaram carne com papelão, produtos químicos cancerígenos, cabeça de porco. Como o senhor avalia tudo isso?

Pedro de Felício ▶ A Polícia Federal tinha de ter procurado o governo e o Ministério da Agricultura para conduzirem todos juntos o processo. Veja o caso do papelão. Como se comprovou depois, era para embalar a carne, e não para ser misturado a ela. A Polícia Federal se confundiu ao interpretar a gravação. Teve também os ácidos ascórbico e sórbico. Isso é um pouquinho mais sério, porque você só pode usar em alguns produtos de carnes, geralmente, produtos em que pode juntar fungo. Mas não pode usar na massa da carne, e aí, provavelmente, alguns frigoríficos teriam usado em alguns pedaços de carnes. Mas esses ácidos não são cancerígenos. Pelo menos não há evidência concreta disso.

GR ▶ O serviço de inspeção sanitária no Brasil é tão vulnerável às influências políticas como mostraram as investigações da PF ou houve um certo exagero?

Pedro de Felício ▶ Acho que houve exagero. O Serviço de Inspeção

Federal, que tem 102 anos, precisa de reforma. Há anos que falo isso. O Canadá, depois dos primeiros casos de vaca louca, fez uma grande reforma em seu serviço de inspeção, que passou a ser dirigido por um “board” científico independente, que não é sujeito à pressão política.

GR ▶ Qual a sua proposta para reformar o serviço de inspeção?

Pedro de Felício ▶ Temos de reformar o sistema sanitário e tirar a influência dos antigos delegados regionais do Ministério da Agricultura, hoje chamados de superintendentes nos Estados. Esses caras são muito poderosos. Eles mandam em todos os serviços do Ministério no Estado. Todos os funcionários do Mapa daquele Estado estão subordinados ao superintendente. Esses caras fazem e desfazem, e os inspetores obedecem.

GR ▶ Existe muita pressão política sobre a fiscalização?

Pedro de Felício ▶ São os deputados que nomeiam esses superintendentes. É uma coisa bem séria e parece que foi isso que desencadeou o processo no Paraná, porque, até que fique comprovado, a pessoa que estava na Superintendência não era confiável e agora está respondendo a processo.

GR ▶ O senhor é favorável a que o Serviço de Inspeção Federal seja privatizado?

Pedro de Felício ▶ Sou a favor de

uma agência federal, do tipo da Embrapa, para a inspeção e a sanidade animal, porque aí você controla inclusive medicamentos e cobra dos frigoríficos por esse serviço. Mas tem de ser uma agência técnica, científica, sem interferência política. Nós precisamos de uma inspeção sistemática e permanente, ou seja, sempre feita da mesma forma e nos mesmos horários. No caso dos bovinos, tem de vistoriar o gado no curral e avaliar cada animal, e não avaliar por amostragem. No caso das aves, a vistoria é por lote. Mas essa história de que o funcionário do ministério está lá dentro do frigorífico e, portanto, está sujeito à corrupção, isso é bobagem. Você precisa ter um cara que pertence a um sistema, e é muito sério. E precisa dar feedback a ele constantemente, auditar o serviço que ele presta. Jamais privatizar.

GR ▶ Sempre foi assim?

Pedro de Felício ▶ O Serviço de Inspeção Federal sempre sofreu ingerência política, mas os dirigentes do SIF eram médicos-veterinários muito respeitados pelos seus currículos e colocavam os interesses em seus devidos lugares. Precisamos contratar gente e treinar. Já houve uma escola de formação de fiscais em Barretos, no interior de São Paulo. Grandes mestres que trabalhavam no ministério davam aulas para essas pessoas, inclusive sobre moral e ética. Eles transmitiam a responsabilidade que tinha um inspetor. Eles recrutavam os alunos nas faculdades, que, por sua vez, tinham interesse em preparar profissionais nessa área. Hoje, a cadeira de inspeção dentro das faculdades de medicina veterinária é muito fraca. ■